

Motorista traz mais migrantes iludidos

O caminhão pau-de-arara, que serviu como principal meio de transporte para os nordestinos que vieram trabalhar na construção de Brasília, está de volta. Desta vez ele traz novas levas de migrantes, iludidos por falsas promessas de emprego e moradia.

A denúncia, que havia sido feita ao secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, repetiu-se na manhã de ontem, quando o auditor fiscal José Boitone de Carvalho voltou a comunicar a chegada de aproximadamente 20 famílias ao Posto Colorado, próximo à Granja do Torto.

Segundo José Boitone a chegada dessas levas de migrantes tem se verificado com certa frequência, aproximadamente de 15 em 15 dias, e são promovidas por um caminhoneiro que se aproveita da ingenuidade de pobres coitados. "São pessoas que chegam num completo estado de miséria", afirma.

José Boitone, que possui uma pequena fábrica em Sobradinho, já constatou a chegada de mais de 30 grupos de migrantes. E foi exatamente o estado de pobreza dessas pessoas que acabou desperando sua atenção, levando-o a procurar um contato com elas.

PAÓ

"Jamais consegui falar com o motorista do caminhão que traz essas pessoas, porém, penaliza a situação em que elas chegam, servi-lhes pão algumas vezes", conta o auditor fiscal. "Essas pessoas vendem o

que possuem — uma casinha, uma vaca, uma cabra — para poder pagar a viagem. Segundo contam, as viagens são realizadas somente à noite, com o caminhão permanecendo parado durante todo o dia. Chegando aqui são largadas nas proximidades do Posto Colorado e informadas, pelo motorista, que deverão permanecer ali enquanto ele vai à cidade tratar dos interesses do grupo. E o motorista não aparece mais".

A maioria dessas famílias vêm do interior da Bahia e, segundo José Boitone, são atraídas pelas promessas de emprego, moradia, assistência médica e alimentação. A história contada por José Boitone também é confirmada pelos frentistas do Posto Colorado, acostumados à presença dos migrantes. De início eles não confirmam que é um caminhão que realiza o transporte, mas acabam se traindo.

"Não sei de onde nem como eles vêm", diz o frentista Rodrigues. "Estamos permanentemente atendendo um carro e outro e não dá para ficar prestando atenção". Conversando um pouco mais, no entanto, ele acaba dizendo que os migrantes costumam ficar concentrados em torno de um caminhão, só que não sabe identificá-lo.

Nenhum migrante foi localizado. Mas os frentistas afirmam que eles estão permanentemente ao redor do posto, acampando sob os eucaliptos. "Depois que chegam costumam ficar por um a dois dias ali pelas redondezas", lembra José Boitone.

Mesmo tomando conhecimento da denúncia, o secretário de Serviços Sociais diz que não pode tomar nenhuma medida contra o direito de ir e vir das pessoas. "É por isso que costumamos dizer que tudo aquilo que fazemos pela manhã é desfeito à tarde, nas rodoviárias, e agora por este caminhão pau-de-arara".

Para Adolfo Lopes o que pode ser feito com relação às correntes migratórias que se deslocam para Brasília é um trabalho de conscientização, que deveria estar associado a uma política migratória nacional. "O que poderia ser feito, hoje, são contatos com as mais diversas áreas do País, advertindo o risco de uma migração para Brasília".

Para Adolfo Lopes é preciso levar em consideração que aqui não existe um parque industrial e tampouco agropecuário. "A mão-de-obra, hoje, é absorvida em grande parte pelo setor de serviços e isto requer qualificação. Além disso, é preciso estar atento ao índice de desemprego e ao déficit habitacional que gira em torno de 150 mil moradias".

Adolfo Lopes, entretanto, não precisa deter-se em longas estatísticas para provar que Brasília não tem condição de continuar suportando o peso das correntes migratórias. Uma de suas maiores preocupações, atualmente, é o grande número de invasões espalhadas por todo o Distrito Federal. Os levantamentos mais recentes apontam 44 invasões com mais de 16 mil famílias.